

# O Livro de Daniel - Número Cento e Dezessete

## *Desvendando a iminente Lei Dominical: uma análise tipológica do sinal para fugir*

Jeff Pippenger  
2024-03-05

A Irmã White identifica a iminente lei dominical como o “sinal” que foi tipificado pelos exércitos de Roma cercando Jerusalém no ano 66 e, ao fazê-lo, ela identifica uma classe que tem olhos que não veem e ouvidos que não ouvem.

A eternidade se estende diante de nós. A cortina está prestes a ser levantada. Nós, que ocupamos esta posição solene e responsável, o que estamos fazendo, em que estamos pensando, a ponto de nos apegarmos ao nosso egoísta amor ao conforto, enquanto almas perecem ao nosso redor? Nossos corações se tornaram completamente endurecidos? Não podemos sentir ou compreender que temos uma obra a realizar para a salvação de outros? Irmãos, sois da classe que, tendo olhos, não vê, e, tendo ouvidos, não ouve? É em vão que Deus vos concedeu um conhecimento de Sua vontade? É em vão que Ele tem enviado a vós advertência após advertência? Credes nas declarações da verdade eterna acerca do que está prestes a vir sobre a terra, credes que os juízos de Deus estão pairando sobre o povo, e ainda podeis ficar à vontade, indolentes, descuidados, amantes dos prazeres?

“Não é agora tempo para o povo de Deus fixar suas afeições ou acumular seu tesouro no mundo. Não está longe o tempo em que, como os primeiros discípulos, seremos forçados a buscar refúgio em lugares desertos e solitários. Assim como o cerco de Jerusalém pelos exércitos romanos foi o sinal para a fuga dos cristãos da Judeia, assim também a assunção de poder por parte de nossa nação no decreto que impõe o sábado papal será para nós uma advertência. Será então tempo de deixar as grandes cidades, em preparação para deixar as menores em direção a lares retirados em lugares isolados entre as montanhas.” Testemunhos, volume 5, p. 464.

A iminente lei dominical nos Estados Unidos é o sinal de advertência (sinal), "para sair das grandes cidades, preparando-se para deixar as menores, rumo a lares retirados em lugares isolados entre as montanhas." O Adventismo laodiceano está em grande parte alheio ao fato de que a crise da lei dominical nos Estados Unidos cumpre o "sinal" de que se fala em O Grande Conflito. É tipificado pelo "sinal" no início dos três anos e meio. O "sinal" que se cumpriu no primeiro cerco de Jerusalém, ocorrido no ano 66, tipifica o "estandarte" que é erguido por ocasião da iminente lei dominical.

A destruição efetiva de Jerusalém foi consumada por Tito no ano 70 d.C., e o cerco de Tito havia sido primeiramente prefigurado no cerco de Cestius, em 66 d.C., pois Jesus sempre ilustra o fim de uma coisa com o começo de uma coisa. Foi o cerco inicial de Cestius que foi o "sinal" para fugir que Jesus havia dado, não o cerco de Tito. Um era o cerco do começo; o outro, o cerco do fim.

"Nem um só cristão pereceu na destruição de Jerusalém. Cristo havia dado advertência a Seus discípulos, e todos os que creram em Suas palavras aguardavam o sinal prometido. 'Quando virdes Jerusalém cercada de exércitos', disse Jesus, 'sabei que é chegada a sua desolação. Então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes; e os que estiverem no meio dela retirem-se.' Lucas 21:20, 21. Depois que os romanos, sob o comando de Céstio, cercaram a cidade, abandonaram inesperadamente o cerco quando tudo parecia favorável a um ataque imediato. Os sitiados, desesperando de uma resistência bem-sucedida, estavam a ponto de se render, quando o general romano retirou suas forças sem a menor razão aparente. Mas a misericordiosa providência de Deus estava dirigindo os acontecimentos para o bem de Seu próprio povo. O sinal prometido fora dado aos cristãos que aguardavam, e agora se oferecia uma oportunidade para que todos os que quisessem obedecessem à advertência do Salvador. Os acontecimentos foram de tal modo ordenados que nem judeus nem romanos impedissem a fuga dos cristãos. Com a retirada de Céstio, os judeus, saindo de Jerusalém, perseguiram seu exército em retirada; e, enquanto ambas as forças assim se achavam plenamente engajadas, os cristãos tiveram oportunidade de deixar a cidade. Nesse tempo, a região também se achava livre de inimigos que porventura procurassem interceptá-los. Por ocasião do cerco, os judeus estavam reunidos em Jerusalém para celebrar a Festa dos Tabernáculos e, assim, os cristãos de todo o país puderam escapar sem serem molestados. Sem demora, fugiram para um lugar seguro — a cidade de Pela, na terra da Pereia, além do Jordão." O Grande Conflito, 30.

O cerco de Jerusalém por Cestius no ano 66 cumpriu o “sinal” de advertência que Cristo havia registrado para os cristãos daquela história, mas o cerco de Titus em 70 d.C. não forneceu nenhum “sinal” para fugir. Nesse cerco não havia cristãos restantes na cidade, e esse último cerco levou à destruição de Jerusalém, e na destruição de Jerusalém “nenhum cristão pereceu”, pois os cristãos haviam fugido no início da história.

As forças judaicas, perseguindo Cestius e seu exército, investiram contra sua retaguarda com tal ferocidade que os ameaçou de destruição total. Foi com grande dificuldade que os romanos conseguiram efetuar a retirada. Os judeus escaparam quase sem perdas e, com seus despojos, retornaram em triunfo a Jerusalém. No entanto, esse aparente sucesso somente lhes trouxe males. Inspirou neles aquele espírito de obstinada resistência aos romanos que rapidamente trouxe inenarrável desgraça sobre a cidade condenada.

Terríveis foram as calamidades que caíram sobre Jerusalém quando o cerco foi retomado por Tito. A cidade foi cercada por ocasião da Páscoa, quando milhões de judeus estavam reunidos dentro de suas muralhas.

Da festa dos Tabernáculos, no ano 66, até a Páscoa, no ano 70, são três anos e meio, o que, profeticamente, equivale a mil duzentos e sessenta dias. Do ano 66 ao ano 70, Roma pagã pisoteou o santuário e o exército, assim como a Roma papal pisou a cidade santa por quarenta e dois meses, do ano 538 até 1798.

Mas o átrio que está fora do templo, deixa-o de fora e não o meças; pois foi dado aos gentios; e eles pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses. Apocalipse 11:2.

Tanto a Roma pagã quanto a Roma papal calcaram aos pés Jerusalém por mil duzentos e sessenta dias (anos), identificando, assim, que a Roma moderna calcará aos pés a Jerusalém espiritual dos últimos dias por um período simbólico de mil duzentos e sessenta dias. Esse período simbólico começará com a iminente lei dominical nos Estados Unidos, quando a ferida mortal for curada.

E vi uma de suas cabeças como ferida de morte; e a sua chaga mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou após a besta. E adoraram o dragão que deu poder à besta; e adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? quem poderá pelear contra ela? E foi-lhe dada uma boca que proferia grandes coisas e blasfêmias; e foi-lhe dado poder para agir por quarenta e dois meses. Apocalipse 13:3-5.

Os simbólicos quarenta e dois meses de perseguição papal são a "hora" da crise da lei dominical. Essa "hora" começa com um "sinal" (o estandarte) e termina com "sinais". O "sinal" do estandarte na lei dominical fará com que quaisquer cristãos ainda na Babilônia fujam para o glorioso monte santo que foi exaltado (elevado) acima dos outros montes.

E acontecerá, nos últimos dias, que o monte da casa do Senhor será estabelecido no cimo dos montes e será exaltado acima das colinas; e todas as nações afluirão a ele. E muitos povos irão e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó; e ele nos ensinará os seus caminhos, e andaremos nas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e a palavra do Senhor de Jerusalém. Isaías 2:2, 3.

A fuga das cidades, por ocasião do decreto que impunha a observância do domingo, foi prefigurada tanto pela fuga dos cristãos no ano 66 quanto pela fuga da igreja no ano 538, que se refugiou no deserto.

E a mulher fugiu para o deserto, onde Deus lhe preparou um lugar, para que ali a sustentem por mil duzentos e sessenta dias. Apocalipse 12:6.

A destruição de Jerusalém, do primeiro cerco ao último, durou três anos e meio, mas uma mensagem de advertência da destruição vindoura foi dada por sete anos, três anos e meio antes do primeiro cerco e três anos e meio depois.

Todas as profecias feitas por Cristo a respeito da destruição de Jerusalém foram cumpridas ao pé da letra. Os judeus comprovaram a verdade de Suas palavras de advertência: 'Com a medida com que medirdes, vos será medido de novo.' Mateus 7:2.

"Sinais e prodígios apareceram, pressagiando desastre e ruína. Em plena noite, uma luz não natural brilhou sobre o templo e o altar. Nas nuvens ao pôr do sol viam-se carros de guerra e guerreiros reunindo-se para a batalha. Os sacerdotes que oficiavam à noite no santuário ficaram aterrorizados com sons misteriosos; a terra tremeu, e ouviu-se uma multidão de vozes clamando: 'Partamos daqui.' A grande porta oriental, tão pesada que mal podia ser fechada por vinte homens, e que estava trancada por imensas barras de ferro cravadas profundamente no pavimento de pedra maciça, abriu-se à meia-noite, sem intervenção visível.-Milman, A História dos Judeus, livro 13."

Por sete anos, um homem continuou a percorrer as ruas de Jerusalém, subindo e descendo, proclamando os ais que haviam de sobrevir à cidade. De dia e de noite, ele entoava o selvagem canto fúnebre: 'Uma voz do oriente! uma voz do ocidente! uma voz dos quatro ventos! uma voz contra Jerusalém e contra o templo! uma voz contra os noivos e as noivas! uma voz contra todo o povo!' -Ibid. Esse estranho ser foi aprisionado e açoitado, mas nenhuma queixa lhe escapou dos lábios. Aos insultos e aos maus-tratos respondia apenas: 'Ai, ai de Jerusalém!' 'ai, ai dos seus habitantes!' Seu clamor de advertência não cessou até ser morto no cerco que havia predito. O Grande Conflito, 29, 30.

A destruição final da Jerusalém literal no ano 70 foi precedida por "sinais e prodígios" que identificavam "desastre e ruína." Os "sinais" de advertência se manifestaram por três anos e meio antes do primeiro cerco e pelos três anos e meio que levaram à destruição. Os "sinais" (no plural) que identificavam a destruição vindoura não eram o "sinal" de advertência para fugir, mas um pronunciamento do encerramento iminente do período de provação.

No pisoteamento da Jerusalém espiritual, de 538 a 1798, o "sinal" de advertência para fugir foi quando, na abominação da desolação, "aquele homem do pecado" foi "revelado," como "o filho da perdição; que se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus, ou que é adorado; de modo que ele, como Deus, se assenta no templo de Deus, mostrando-se ser Deus."

Quando, pois, virdes a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, estar no lugar santo, (quem lê, entenda.) Mateus 24:15.

Quando os cristãos daquela história reconheceram aquele "sinal", fugiram para o deserto por mil duzentos e sessenta anos.

Foi necessária uma luta desesperada para que os que quisessem ser fiéis permanecessem firmes contra os enganos e as abominações que, disfarçados em vestes sacerdotais, foram introduzidos na igreja. A Bíblia não era aceita como a regra de fé. A doutrina da liberdade religiosa era tida como heresia, e seus defensores eram odiados e proscritos.

"Após um longo e severo conflito, os poucos fiéis decidiram romper toda união com a igreja apóstata se ela ainda se recusasse a libertar-se da falsidade e da idolatria. Viram que a separação era uma necessidade absoluta se quisessem obedecer à Palavra de Deus. Não ousavam tolerar erros fatais às suas próprias almas, nem dar um exemplo que poria em perigo a fé de seus filhos e dos filhos de seus filhos. Para assegurar a paz e a unidade, estavam prontos a fazer qualquer concessão compatível com a fidelidade a Deus; mas sentiam que até a paz seria cara demais se comprada ao preço do sacrifício de princípios. Se a unidade só pudesse ser assegurada à custa da verdade e da justiça, então que haja dissensão, e até guerra." O Grande Conflito, 45.

À medida que se aproximava a conclusão dos mil duzentos e sessenta anos de perseguição papal, houve "sinais" (no plural) e, assim como os "sinais" no fim dos mil duzentos e sessenta dias em que Roma pagã pisoteou Jerusalém literal, esses "sinais" não eram sinais para fugir.

O Salvador dá sinais da Sua vinda e, mais do que isso, Ele fixa o tempo em que o primeiro desses sinais aparecerá: "Imediatamente após a tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, e a

lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e os poderes dos céus serão abalados; e então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e então todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória. E Ele enviará os Seus anjos com um grande som de trombeta, e eles reunirão os Seus eleitos desde os quatro ventos, de uma extremidade do céu à outra.”

No fim da grande perseguição papal, Cristo declarou que o sol se escureceria, e que a lua não daria a sua luz. Em seguida, as estrelas cairiam do céu. E Ele diz: “Aprende a parábola da figueira: quando o seu ramo já está tenro e deita folhas, sabeis que o verão está próximo; assim também vós, quando verdes todas estas coisas, sabeis que Ele está próximo, às portas.” Mateus 24:32, 33, margem.

Cristo deu sinais de Sua vinda. Ele declara que podemos saber quando Ele está perto, mesmo às portas. Ele diz, acerca dos que veem estes sinais: "Esta geração não passará, até que todas estas coisas se cumpram." Estes sinais apareceram. Agora sabemos com certeza que a vinda do Senhor está próxima. "O céu e a terra passarão", Ele diz, "mas as Minhas palavras não passarão." O Desejado de Todas as Nações, 631, 632.

Quando "os três anos e meio em que Jerusalém foi pisoteada" pela Roma papal estavam chegando ao fim, houve uma série de "sinais" que identificaram a vinda de Cristo e inauguraram a história milerita. A história milerita será repetida ao pé da letra nos últimos dias. Esses "sinais", que apareceram "no fim da grande perseguição papal", haviam sido tipificados por "sinais" que surgiram no encerramento dos três anos e meio do pisoteamento de Jerusalém, do ano 66 ao 70, pela Roma pagã. Portanto, com base em duas testemunhas, haverá um "sinal" do estandarte que é erguido na hora do grande terremoto, que é o sinal de advertência para fugir na história da Roma moderna, e também haverá "sinais", no plural, que ocorrerão no encerramento do período de perseguição da Roma moderna nos últimos dias.

Continuaremos este estudo no próximo artigo.

Leia o capítulo 21 de Lucas. Nele, Cristo dá o seguinte aviso: "Acautelai-vos, para que não suceda que os vossos corações fiquem sobrecarregados de glotonaria, embriaguez e cuidados desta vida, e para que aquele dia não vos sobrevenha de improviso. Porque virá como um laço sobre todos os que habitam na face de toda a terra. Vigiai, pois, e orai em todo o tempo, para que sejais tidos por dignos de escapar de todas estas coisas e de estar em pé diante do Filho do homem" (Lucas 21:34-36).

Os sinais dos tempos estão se cumprindo em nosso mundo; no entanto, as igrejas, em geral, são representadas como dormindo. Não tomaremos nós advertência da experiência das virgens néscias, que, quando veio o chamado: 'Eis que o noivo vem; saí ao seu encontro', descobriram que não tinham azeite em suas lâmpadas? E, enquanto foram comprar azeite, o noivo entrou para a ceia das bodas com as virgens prudentes, e a porta foi fechada. Quando as virgens néscias chegaram ao salão do banquete, receberam uma negativa inesperada. O mestre do banquete declarou: 'Não vos conheço.' Ficaram de pé do lado de fora, na rua deserta, na escuridão da noite. Manuscript Releases, volume 15, 229.